

PARA ACORDAR OS DA CASA-GRANDE:

**(ALGUNS) NOVOS ESCRITOS
DE MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS**





PARA ACORDAR OS DA CASA-GRANDE:

**(ALGUNS) NOVOS ESCRITOS
DE MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS**

HENRIQUE MARQUES SAMYN (ed.)

ATRÁS
editora



PARA ACORDAR OS DA CASA-GRANDE:
(ALGUNS) NOVOS ESCRITOS DE MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS

1ª edição, maio 2026

© do prólogo, Henrique Marques Samyn

© Calila das Mercês, Daiana de Souza, Elisa Pereira, Jeovanna Vieira, Juliane Vicente, Lília Guerra, Luciany Aparecida, Taismin Ohnmacht, Vitória Maria Matos, Zainne Lima da Silva, Flávia Santos, Heleine Fernandes, Natasha Felix, nina rizzi, Oluwa Seyi, Tatiana Nascimento, Fabiana Carneiro da Silva, Fernanda Silva e Sousa, Sandra Menezes, Tássia Nascimento, Yasmin Santos

© da ilustração interior, Abraham Carreiro Fernández

© AGAL

Associação Galega da Língua
Santiago de Compostela (Galiza)
atraves@a.gal
www.atraves-editora.com

ISBN: 978-84-10491-13-7
DL: C 826-2026

Através do Brasil é uma coleção dirigida por Alva Martínez Teixeira
e Carlos Paulo Martínez Pereiro

Fotografia de capa: *Baile na Vila Maria*. São Paulo (SP). Acervo pessoal de Tássia Nascimento

Coordenação editorial: Valentim Fagim, José João R. Rodrigues
Diagramação e capa: Miguel Durão

Impresso na Galiza: Sacauntos Cooperativa Gráfica

Esta obra contou com o apoio da Consellería de Cultura, Língua e Xuventude,
por meio da Secretaría Xeral da Língua.

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

ÍNDICE

PARA ACORDAR OS DA CASA-GRANDE

Prólogo de Henrique Marques Samyn | 9

ALGUMA PROSA

Calila das Mercês | 19
Daiana de Souza | 25
Elisa Pereira | 29
Jeovanna Vieira | 33
Juliane Vicente | 41
Lilia Guerra | 51
Luciany Aparecida | 57
Tiasmin Ohnmacht | 63
Vitória Maria Matos | 69
Zainne Lima da Silva | 75

ALGUMA POESIA

Flávia Santos | 81
Heleine Fernandes | 95
Natasha Felix | 109
nina rizzi | 121
Oluwa Seyi | 133
Tatiana Nascimento | 145

ALGUM ENSAIO

Fabiana Carneiro da Silva | 163
Fernanda Silva e Sousa | 171
Sandra Menezes | 179
Tássia Nascimento | 187
Yasmin Santos | 197



PARA ACORDAR OS DA CASA-GRANDE

Ainda que outrora tenha sido possível à crítica literária brasileira negra e negrófila¹ produzir narrativas históricas que obliterassem, entre seus vultos fundadores ou seus principais nomes, figuras femininas, isso não mais se tornou possível nas últimas décadas. A esse respeito, eu gostaria de abrir estas considerações² tecendo algumas (brevíssimas) considerações acerca de uma tríade de escritoras.

As celebrações em torno do centenário do falecimento de Maria Firmina dos Reis, em 2017, vieram intensificar um processo de reconhecimento mais amplo, já perceptível em anos anteriores – cabendo ressaltar que, se até essa efeméride havia apenas meia dezena de edições de *Úrsula* (1859) publicadas no Brasil, estando apenas uma disponível em catálogo, desde então o mercado editorial vem sendo inundado por reedições da obra firminiana, muitas de qualidade discutível. Por conseguinte, se na produção crítica negra e negrófila dos anos 1970 e 1980 Maria Firmina permanecia esquecida pela eventual impossibilidade de acesso aos seus textos ou, mais posteriormente, pelo então predominante recurso ao argumento da inexistência de um “eu enunciativo” racializado, a recente emergência de outros parâmetros de leitura suscitou uma reavaliação do lugar da “Maranhense”, que desde então tem sido alçada à inquestionável posição de figura fundadora da tradição literária negra brasileira.

Mais tortuoso é o caminho percorrido por Carolina Maria de Jesus. A condição de autora do *best-seller* (assim descrito) “diário de uma favelada” *Quarto de despejo* (1960), que venderia 10 mil exemplares já nos três primeiros dias após o lançamento, logo traduzido para mais de uma dezena de línguas, intensamente promovida na imprensa por seu editor e pretense “descobridor”, o jornalista Audálio Dantas, fez com que a autora de Sacramento fosse negligenciada ou percebida com alguma reserva por muitos escritores e críticos negros brasileiros que tão arduamente vinham lutando, coletivamente, para que seus próprios livros fossem publicados e alcançassem espaços mais

¹ Venho designando por negrófila a tradição crítica de autoria branca historicamente construída sobre a Literatura Negra Brasileira, sobretudo nos meios acadêmico e jornalístico, com todas as implicações políticas disso decorrentes.

² Agradeço a Lina Arao e a Fernanda Silva e Sousa a leitura, as críticas e os comentários de versões anteriores deste prólogo.

amplamente de circulação. Desse modo, se Carolina foi erigida em fenômeno para a burguesia que logo transformou o seu livro em um sucesso de vendas, percebendo-o como registro da realidade “exótica” das favelas brasileiras, para diversos escritores negros brasileiros ela também era uma “estranha”, em certa medida, uma vez que não dialogara com a tradição negra brasileira – não havendo, portanto, razões suficientes para que a produção literária caroliniana fosse legitimada, em termos políticos ou estéticos, em um momento inicial. Não obstante, embora a obra de Carolina sempre tenha sido bastante estudada no âmbito acadêmico, a reavaliação crítica da sua posição fundamental na tradição negra brasileira foi propiciada pelo recurso a documentos que menorizaram o papel de Audálio Dantas como seu suposto “descobridor”, bem como pelo surgimento de propostas analíticas que enfatizam o impacto estético de sua obra – cabendo destacar, a esse respeito, as considerações de Conceição Evaristo, para quem Carolina Maria de Jesus criou, efetivamente, uma tradição literária particular.

Conceição é, aliás, o terceiro nome da referida tríade. Desde a publicação de seus primeiros textos, na década de 1990, nos *Cadernos Negros*, a autora de *Ponciá Vicêncio* (2003) tem ocupado um lugar central na tradição intelectual brasileira, não apenas como escritora, mas também como crítica e pensadora da cultura; a esse propósito, considero sempre importante ressaltar a singularidade de sua trajetória – que simultaneamente recolhe os elementos provenientes de uma tradição popular (da autora que nasceu rodeada por palavras), forma-se politicamente e literariamente no movimento negro (do qual jamais se afasta) e alcança os títulos de mestra e doutora em Letras estudando obras de autores negros (em uma época na qual a pesquisa desses temas era vista com – ainda mais – ressalvas pela academia brasileira). Desse modo, em coitejo com os percursos das obras de Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus, a recepção da obra evaristiana teve um percurso indiscutivelmente mais favorável, considerando-se a crítica literária negra e negrófila – que, em contraste com o olhar sempre tendencioso lançado pela crítica hegemônica para a produção literária de autoras e autores negros, não hesitou em elevar Conceição Evaristo à condição de nome referencial.

Hoje em dia, essa tríade de escritoras – Maria Firmina, Carolina e Conceição – opera como uma chave exegética imprescindível, a partir da qual se impôs a tarefa de (re)pensar, retrospectivamente, todo o percurso da Literatura Negra Brasileira, (re)considerando-a como um projeto coletivamente forjado sob uma égide matriarcal. A esse propósito, importa evocar a fala de Angela Davis em uma de suas visitas ao Brasil, segundo a qual “quando a mulher negra

se movimentar, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” – que, com efeito, pode ser mobilizada para ponderar acerca da posição histórica dessas fulcrais figuras. Tornou-se possível, por conseguinte, pensar para além de modelos consagrados a partir dos referenciais então vigentes – por exemplo, a concepção de um “tripé básico” da tradição negra postulado por Cuti, um dos mais importantes escritores e críticos literários negros brasileiros, constituído por Cruz e Souza, Lima Barreto e Machado de Assis (ou Lino Guedes, a depender da versão) –, para posicionar, em âmbito ainda mais basililar, Maria Firmina dos Reis, reconhecida como produtora de uma obra fundacional porque inauguradora de um espaço negro de fala, como já destacava Fernanda Miranda, propondo assim uma contranarrativa no âmbito romântico. Não menos decisivo foi o deslocamento promovido por Carolina Maria de Jesus, responsável por conceder um estatuto autoral à voz periférica, mas também por subverter radicalmente o regime de representação hegemônico na Literatura Brasileira, arrancando o negro da condição de “problema social” e concedendo-lhe o direito de narrar a sua própria história, como demonstrou Fernanda Silva e Sousa. No que diz respeito à obra de Conceição Evaristo, nunca é demais ressaltar como a singularidade de sua trajetória propicia a produção de um projeto estético capaz de mobilizar um vastíssimo repertório de elementos, oriundos tanto do imaginário negro/popular quanto da tradição literária negra – ou mesmo hegemônica, conquanto invariavelmente submetidos às determinações próprias do projeto evaristiano –, do que resulta uma obra notoriamente esquiva a tentativas de interpretação; algo, aliás, perceptível no inesgotável volume de estudos e produções acadêmicas que vem ensejando, assim como em sua importância ao fazer um chamamento para outras narrativas negras, como tem frisado Fernanda Felisberto.

É assim que esta antologia foi concebida: como um registro das heranças contemporâneas desse processo histórico. Aqui se reúnem textos de 21 escritoras que propiciam vislumbrar o que tem produzido, nos últimos anos, a Literatura Negra Brasileira de autoria feminina. Desse modo, a fim de apresentar ao público *Para acordar os da casa-grande: (alguns) novos escritos de mulheres negras brasileiras*, o critério que segui foi, essencialmente, convidar para participar da antologia autoras negras que têm alcançado destaque no cenário literário brasileiro em tempos mais recentes, independentemente da idade; procurei, ademais, incluir um grupo representativo de autoras que nasceram ou produzem fora da região Sudeste do Brasil, que continua a ser

o centro econômico (portanto, editorial) do país³. Não obstante, devo fazer duas ponderações. A primeira, mais óbvia, diz respeito à própria natureza da obra: devo enfatizar que esta antologia, como qualquer outra, oferece um retrato necessariamente parcial da produção literária de uma época. Muitas outras autoras poderiam estar neste volume; contudo, sua participação não foi possível, por razões diversas – desde entraves temporais (quando não houve tempo hábil para a preparação do material a tempo de finalizar os processos editoriais) até impedimentos materiais (como a limitação de páginas e as restrições orçamentárias). A segunda ponderação diz respeito à natureza dos textos aqui publicados. A divisão dos textos em três seções – “Alguma prosa”, “Alguma poesia” e “Algum ensaio” – não deve ser percebida como algo restritivo; de fato, a maior parte das autoras antologeadas se dedicam a produzir em diversos gêneros (algo, aliás, geralmente evidenciado pelas minibiografias que as próprias escritoras foram convidadas a produzir). Por conseguinte, a participação das escritoras em um ou outro gênero, neste volume, deve-se apenas a uma opção editorial; contudo, também no que tange à versatilidade de suas obras, as autoras antologeadas podem ser aproximadas das “matriarcas” da Literatura Negra Brasileira – se consideramos que Maria Firmina dos Reis, além de escritora profícua, autora inclusive de charadas à moda oitocentista, foi também compositora, inclusive de um “Hino à liberdade dos escravos”; assim como Carolina Maria de Jesus, que gravou um álbum cantando suas próprias composições, para além da vastíssima obra que deixou publicada e inédita, cabendo destacar sua coletânea de provérbios, gênero pouco visitado por escritores brasileiros; finalmente, Conceição Evaristo ocupa um lugar de indiscutível relevo como escritora e intelectual negra, tanto pela – tardia, embora condigna – aclamação de sua obra quanto por ter cunhado o conceito de *escrevivência*, hoje basilar para um vasto campo de estudos (não apenas literários) e pelas profundas revisões críticas que tem proposto para a Literatura Brasileira.

Teço, por fim, alguns sucintos apontamentos acerca das autoras, meramente com o propósito de facilitar uma aproximação inicial. A esse respeito, um bom ponto de partida pode ser evocar a referida noção de heranças – que, se tacitamente perpassa o conjunto do volume, por já expostos motivos, pode transparecer com mais nitidez em alguns casos particulares. O ensaio de Yasmín Santos, por exemplo, mobiliza os sentidos do conceito de *escrevivência* para refletir acerca de ressonâncias coletivas em um âmbito diaspórico, dele

³ Devo agradecer a Fernanda Silva e Sousa e a Nathallia Protazio o imprescindível apoio para entrar em contato com diversas das autoras antologeadas.

se apropriando para pensar sobre o que significa escrever como uma mulher negra que está, conscientemente, sempre em relação com outras mulheres negras. Em um movimento semelhante, Tássia Nascimento indaga: o que acontece quando falamos? Como pessoas negras engendraram narrativas que lhes permitiram preencher as lacunas e os silenciamentos produzidos pela opressão colonizadora? Estabelecendo um diálogo entre a obra de Gê Viana e uma fotografia de família, Tássia pondera sobre o poder coletivo de fabulação como forma de resistência contra a negação das existências negras.

Se Conceição Evaristo já falava sobre a existência de uma tradição caroliniana desprezada pela crítica hegemônica, pode-se vislumbrar a sua emergência na ficção de Lília Guerra, que vem consistentemente produzindo novas formas narrativas a partir de espacialidades e subjetividades periféricas – retomando (e radicalizando), desse modo, o que já fazia a autora de *Casa de alvenaria*. Por outro lado, ressonâncias da própria produção evaristiana podem ser percebidos na obra de Oluwa Seyi, em que a ancestralidade se inscreve no corpo textual não apenas por determinações ontológicas, mas como um componente rítmico essencial.

É possível, não obstante, postular aproximações em um sentido mais lato – quer dizer: tendo em vista a tradição negra como um todo –, de modo a indicar diálogos que, se não necessariamente deliberados, podem ensejar vias exegéticas possíveis. A precisa dicção poética de Flávia Santos, em que sobejam as marcas urbanas, em diversos momentos remete à crucial produção de Paulo Colina – embora o descritivismo daquela assuma um tom desabusado que se distancia da obra do autor de *Plano de Voo*. Já a versátil obra de Elisa Pereira, por sua pluralidade de registros e sua agilidade narrativa, não raro faz pensar na múltipla produção de Cuti. Também extraindo sua matéria narrativa das vivências cotidianas, Daiana de Souza produz uma prosa de feições cronísticas em que ressoam obras de mestras do gênero, de Ruth Guimarães a Cidinha da Silva.

O desafio de abarcar a multiplicidade de projetos estéticos contemporaneamente sustentados pelas escritoras negras brasileiras é, vale dizer, destacado por Fabiana Carneiro da Silva, que postula a necessidade de criação de categorias crítico-analíticas que deem conta da singularidade de produções que ultrapassam os critérios de legitimidade reconhecidos pelas instituições literárias hegemônicas. Exemplo de como o ensaísmo negro vem percorrendo caminhos que avançam para muito além dos estreitos territórios canônicos, a propósito, é o texto assinado por Fernanda Silva e Sousa, que propõe uma aproximação entre Carolina Maria de Jesus e Milton Nascimento a partir de

uma recusa da “vida de negro” como imposta no âmbito de uma sociedade opressora – e demonstra como a resistência da população negra é, também, uma forma de produção de amor.

Pode-se perceber, a esse propósito, o projeto poético de construção de uma gramática dos afetos, a partir de uma consistente evocação da ancestralidade, na obra de Heleine Fernandes. Em território próximo caminha a dicção de nina rizzi, marcada pelo investimento em uma pesquisa lexical profunda, que radicaliza a construção de um discurso negrodiaspórico. Em meio à imposta errância, aos corpos negros cabe erigir um lugar para si, sendo esta uma das questões centrais das poéticas negras contemporâneas. A busca por novos lugares de habitação a partir da fala e do corpo é própria da obra de Natasha Felix, em que assomam as variações rítmicas. Já os múltiplos experimentos poéticos e musicais de tatiana nascimento se materializam através de fraturas textuais e reordenamentos sintáticos que projetam novos horizontes possíveis.

Menos brusca é a passagem da poesia à prosa se começamos pela evocação da obra de Calila das Mercês, em cuja escrita se evidencia uma notável força estilística, acentuada pelo manejo de elementos sonoros que demarcam a territorialidade textual. Do mesmo modo, transparece na produção literária de Luciany Aparecida, presente neste volume sob a assinatura estética de Ruth Ducaso, um exercício formal caracterizado pela densidade lírica, materializado em uma sólida economia narrativa.

Na plural obra de Taiasmin Ohnmacht, sobressai uma versatilidade não avessa ao experimentalismo, em que a complexa construção dos personagens indicia a argúcia do olhar analítico. Na escrita de Vitória Maria Matos, assoma a força plástica de um repertório enunciado por uma instância narrativa fortemente territorializada. Já na produção literária de Zainne Lima da Silva, a potência da vocalidade é evocada no âmbito de uma textualidade rigorosamente composta, sem espaço para contingências. Finalmente, a obra de Jeovanna Vieira se materializa como uma escrita nascida do chão, que não recusa o enfrentamento com o real para produzir a beleza.

À guisa de conclusão, importa abordar um par de projetos literários que sobressaem como particularmente diferenciados, no conjunto desta antologia e da tradição literária negra brasileira, em sentido amplo. No ensaio em que disserta acerca do “afrofuturismo como herança ancestral na diáspora brasileira”, Sandra Menezes trata de sua própria trajetória literária, fornecendo um precioso documento acerca da emergência de uma das obras contemporaneamente mais representativas dessa vertente estética. Por fim, na escrita

de Juliane Vicente sobressai a força imaginativa de uma autora que maneja o instrumental afrofuturista em relação dialética com o legado ancestral.

Essas brevíssimas sínteses, embora não suficientes para expor adequadamente as particularidades das produções autorais antologias neste volume, são representativas da diversidade de escritos aqui recolhida – que ilustra, por sua vez, a riqueza do cenário contemporâneo da Literatura Negra Brasileira de autoria feminina. Ressalto, não obstante, que se trata de um conjunto de autoras que vêm alcançando destaque em tempos recentes; ainda que algumas já tenham uma quantidade significativa de obras publicadas, outras estão iniciando a sua trajetória – mas todas, invariavelmente, têm projetos em desenvolvimento. O que isso sugere? Que esta antologia deve ser lida como um indício dos vastos horizontes que têm sido desvelados pelas autoras negras brasileiras, o que justifica o seu título, extraído de uma conhecida citação de Conceição Evaristo: se outrora os rumos e as funções das vozes negras ancestrais eram demarcadas pela casa-grande, a escrita das mulheres negras contemporâneas não mais o é; estas escrevem não para adormecer os da casa-grande, mas para acordá-los de seus sonhos injustos – não mais, portanto, tendo em vista a adequação aos parâmetros determinados pela tradição hegemônica branca, mas produzindo revoluções possíveis através de suas escritas.

Henrique Marques Samyn (UERJ/FAPERJ/CNPq)